

Em conclusão, saudamos a publicação deste apreciável livro de estudos sobre a importância dos *progymnasmata* na educação do Humanismo durante os séculos XVI e XVII, que nos oferece, no cumprimento do principal desígnio dos seus autores, “una panorámica representativa de cómo los humanistas utilizaron los ejercicios preliminares en las aulas tanto para formar a sus estudiantes en la preceptiva retórica como para difundir las ideas que enfrentaban a los europeos durante estos siglos” (p. 17).

Olivia C. Cockburn, *Los verbos latinos en -izare (-issare, -idiare). Adaptación, uso y desarrollo del morfema griego -ίζειν en el latín antiguo*. Madrid, Ediciones Clásicas, 2021, 236 pp; ISBN: 978-84-7882-870-8.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA⁵ (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA), Universidade de Aveiro — Portugal*)

Acaba de ser publicado este notável estudo sobre os verbos latinos em *-izare*, que resulta de uma tese de doutoramento apresentada por Olivia C. Cockburn, em 2012, à Universidade Autónoma de Madrid. Dado à estampa sob a chancela da Ediciones Clásicas, 8.º volume da coleção *Bibliotheca Linguae Latinae (BLL)*, que é dirigida por Benjamín García-Hernández, consiste numa análise detalhada e rigorosa do empréstimo linguístico do sufixo grego *-ίζειν* ao latim, no âmbito do contacto das culturas grega e romana no Mediterrâneo antigo. Partindo de um inventário exaustivo dos verbos latinos em *-izare* (*-issare, -idiare*) documentados entre os séculos III a.C. e VI d.C., na qual foi seguida a ordem cronológica do seu aparecimento e se teve em consideração o tipo de textos (muitas vezes técnicos e populares) em que aqueles surgem inseridos, a A perquire a adaptação (fonética, gráfica e morfológica) e o valor semântico do sufixo, bem como as relações entre os verbos em *-izare* e as formações que incluem outros sufixos concorrentes em cada período do latim.

No Prólogo (pp. 13-18), Benjamín García-Hernández (orientador científico da investigação que está na génese deste livro), aproveitando o ensejo proporcionado pela abordagem de Olivia Cockburn, adverte para a conveniência da inclusão adequada dos verbos latinos em *-idiare* / *-izare* nos dicionários etimológicos de espanhol ou “la inserción correcta y oportuna de la re-

⁵ <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28045>; emilia.oliveira@ua.pt.

ferencia etimológica de los verbos españoles que se remontan a los latinos en una de sus variantes sufijales” (p. 14). Tomando como exemplo algumas entradas da última edição do *Diccionario de la lengua española* da Real Academia Española (Barcelona, 2014), o linguista defende que, quando se tenta estabelecer a ligação entre o grego antigo e as línguas românicas através do latim, há que saber de que latim se trata: “Si el objetivo son los préstamos cultos, será suficiente el latín literário; pero si lo es también el romance patrimonial, será inevitable tener en cuenta las manifestaciones del latín vulgar, com el que las lenguas românicas mantienen una línea de continuidade multi-secular.” (p. 14). No final desta reflexão introdutória, García-Hernández salienta que o livro de Olivia Cockburn vem suprir uma lacuna bibliográfica importante e que será, por isso, doravante, uma referência imprescindível para todos quantos pretendam prosseguir o estudo do sufixo latino e das suas variantes noutras línguas românicas (p. 18).

No “Capítulo 1. Introducción teórica y metodológica” (pp. 19-46), procede a A. ao enquadramento teórico do seu trabalho (1.1, pp. 19-20). Evo-cando a proximidade entre as culturas grega e romana na Antiguidade, que facilitou a adoção de numerosos empréstimos gregos à língua latina, lembra que os empréstimos gramaticais se podem produzir em duas circunstâncias: em situações de bilinguismo, tomando como exemplo a situação da Magna Grécia, pelo menos durante a República, ou em circunstâncias excecionais, “como por ejemplo la de la introducción del Cristianismo.” No que concerne especificamente ao morfema *-ίζειν*, esclarece que entrou na língua latina por duas vias: primeiramente, através do *sermo uulgaris* dos habitantes bilingues de classe baixa na época arcaica; em segundo lugar, por via escrita, através das traduções para latim de textos técnicos e religiosos gregos, no latim tardio. O morfema, que surge atestado pela primeira vez nas comédias plautinas em finais do século III a.C., acabou por se converter num elemento morfológico de grande produtividade na língua latina (hodiernamente, nas línguas românicas e no inglês). Adaptado à primeira conjugação latina, evoluiu, dando origem às três variantes *-izare*, *-issare* e *-idiare*. Paulatina-mente, foi-se impondo no sistema morfológico latino, acabando por se converter num elemento relevante na criação de novos verbos latinos. Graças à abrangência do seu valor semântico, à sua pertença à primeira conjugação,

mas também à facilidade proporcionada na formação de novos vocábulos, o morfema foi evoluindo, sendo, hoje, um recurso importante na criação de novos verbos em todas as línguas românicas e em inglês (pp. 19-20).

No mesmo subcapítulo, a A. enuncia os objetivos que nortearam a sua reflexão: identificar e analisar os verbos em *-izare* (*-issare* e *-idiare*) que aparecem na língua latina, tanto os empréstimos gregos como os verbos que o próprio latim criou por analogia. Expõe, ainda, a metodologia seguida, esclarecendo que a análise se centrará em considerações sociolinguísticas sobre o sufixo e nos tipos de texto em que surge, assim como no valor semântico assumido em cada verbo. Um exame completo da assimilação e evolução do sufixo em todas as épocas permitir-lhe-á dar cumprimento a outro desígnio: “explicar por qué acaba siendo un elemento morfológico tan recurrente en latín como luego en sus lenguas derivadas.” (p. 20) No atinente à ancoragem teórica do tema, Olivia Cockburn aduz que o seu trabalho se insere no âmbito da lexicística latina de Benjamín García-Hernández (1980); centrado no “estudio de la estructura primaria del *campo léxico*”, tem como objetivo “identificar las *clases semánticas* en las que más éxito tiene el morfema *-izare* (*-issare* e *-idiare*).” (p.20) Refere, ainda, a estudiosa que a sua análise tem em conta as estruturas paradigmáticas secundárias estabelecidas por Eugenio Coseriu (1977), porquanto interessam de modo particular o processo de adaptação morfológica e fonética do sufixo grego *-ίζεiv* ao latim e o seu emprego na formação de derivados latinos (*ibidem*).

Tratando-se de um empréstimo morfológico grego que entra no latim como consequência do contacto entre as duas línguas, O. Cockburn explica, depois, brevemente, a relação entre as línguas e culturas grega e latina na Antiguidade (1.2, pp. 20-22), salientando as principais fontes que atestam a influência do grego sobre o latim (1.2.1, pp. 23-24) e destacando o sufixo *-izare* (*-issare* e *-idiare*) como um exemplo de empréstimo do idioma helénico (1.2.2, pp. 24-25).

Nos dois subcapítulos seguintes, aborda-se o tratamento do sufixo *-izare* (*-issare*) nos gramáticos latinos, como Sacerdote, Cledónio, Diomedes, Donato, Pompónio e Macróbio (1.3, pp. 25-28) e apresenta-se o estado da arte (1.4, pp. 28-31).

Consagra Olivia Cockburn o último subcapítulo desta parte introdutória (1.5, pp. 31-46) à descrição minuciosa da metodologia de estudo. Depois de retomar os objetivos do trabalho, elencando-os (1.5.1, pp. 31-33), a A. explicita, ao indicar as várias fontes utilizadas, a realização do inventário dos 119 verbos latinos em *-izare* (*-issare*, *-idiare*) que serve de suporte à sua análise (1.5.2, p. 33) e clarifica a periodização estabelecida, ou seja, a divisão em quatro grupos dos verbos documentados entre os séculos III a.C. e VI d.C.: 1. Latim arcaico, 2. Latim clássico, 3. Latim imperial e 4. Latim tardio (1.5.3, p. 34). Nas secções seguintes, esclarece de que modo foram obtidos os exemplos das três variantes do sufixo (*-izare*, *-issare* e *-idiare*) (1.5.4, pp. 34-35) e explica a divisão dos verbos de acordo com as suas bases de derivação (1.5.5, pp. 35-36), referindo que foram utilizados concomitantemente os critérios metodológicos de Coseriu (1977) e Mignot (1968); a classificação dos verbos nos três grupos de derivação estabelecidos por este linguista (que apresenta com mais detalhe na secção 1.5.6, pp. 36-37) proporciona informação significativa sobre o grau de adaptação e assimilação do sufixo no sistema latino em cada época, enquanto o estudo dos verbos a partir das estruturas paradigmáticas secundárias propostas por Coseriu (devidamente explanadas na secção 1.5.7, pp. 37-38) permite centrar a investigação na evolução semântica do sufixo (p. 35). No que concerne às classes semânticas dos verbos inventariados, foi adotado o sistema classemático de García-Hernández, que resultou do seu estudo semântico do verbo *uidere* (1976), explicitado pela A. na secção seguinte (1.5.8, pp. 38-40). Olivia Cockburn sustenta, ainda, a sua análise no estudo desenvolvido por López-Moreda (1987) sobre os verbos *facere* e *agere*. A penúltima secção (1.5.10, pp. 41-46) é consagrada à explanação das classes semânticas mais importantes para este estudo: verbos transitivos e intransitivos (1.5.10.1, pp. 41-42); verbos dinâmicos e estáticos (1.5.10.2, pp. 42-43); verbos factitivos e fientivos (1.5.10.3, pp. 43-44); verbos instrumentais (1.5.10.4, pp. 44-45); verbos imitativos (1.5.10.5, pp. 45-46). Por fim, na secção (1.1.11, p. 46), explicam-se o critério de apresentação dos verbos (na forma de infinitivo) inventariados e as abreviaturas usadas para o grego e para o latim.

No segundo capítulo, “Los verbos latinos en *-issare* en el latín arcaico (s. I a.C.).” (pp. 47-80), analisam-se 23 verbos em *-issare* (*-izare*) documentados no latim arcaico; 15 correspondem a empréstimos gregos, 4 são criações latinas

a partir de bases gregas e os outros 4 são criações latinas a partir de bases latinas. Mais de metade destes verbos novos surgem nas comédias de Plauto, que dominava extraordinariamente o latim e o grego. Neste período, o sufixo era sentido como grego, tal como demonstra o seu uso na boca dos escravos das comédias plautinas. O exame destes verbos permite à A. perceber a proximidade entre as línguas grega e latina e o bilinguismo que existia na classe baixa durante a República. A situação linguística desta época leva, segundo a mesma, a que o latim arcaico se distinga do latim dos períodos subsequentes, porque, neste período, a diferenciação entre os idiomas latino e grego (e, por consequência, a classificação do que constitui um empréstimo ou uma formação analógica) se torna menos clara. Constata-se, ainda, que a literatura desta época revela que o sufixo em estudo faz parte, desde a época arcaica, da língua vulgar da população bilingue. Ademais, as criações de Plauto a partir do sufixo demonstram a facilidade com que este se aplica a bases nominais para formar novos verbos, o que permite à investigadora inferir que, a partir do latim arcaico, o sufixo continuará a expandir-se na língua vulgar latina (pp. 70-80).

O capítulo seguinte (“Capítulo 3. Los verbos latinos en *-izare* (*-issare, -idiare*) del latín clásico (s. I a.C. - s. I d.C.)”, pp. 81-94) é dedicado ao estudo dos verbos do latim clássico. Da análise dos 4 verbos documentados, conclui Olivia Cockburn haver uma evidente carência de verbos em *-izare* (*-issare, -idiare*). O uso pouco frequente do sufixo é explicado com o facto de, nesta época, ter um forte cunho grego e de ser característico da língua vulgar. Conforme observa a A., os autores desta época esforçam-se por não incluir elementos gregos no seu uso da língua. Em contrapartida, o latim popular vai adotando cada vez mais helenismos. Salienta a mesma, também, que, dos quatro verbos analisados, três são tecnicismos de áreas em que a cultura grega se impõe, designadamente, a música, a arquitetura e a retórica. O êxito alcançado pelo sufixo a partir do século IV está relacionado com o aumento do número de tratados técnicos e o surgimento da literatura relacionada com o Cristianismo, ficando a dever-se ao prestígio da língua grega naqueles campos do saber. Acrescenta-se que os quatro verbos inventariados oferecem exemplos do uso de cada uma das três grafias do sufixo. Contudo, a partir da época clássica, a grafia *-izare* impõe-se sobre as demais (p. 93).

No latim do Alto Império, verifica-se um aumento significativo do uso do sufixo verbal *-izare* (*-issare*, *-idiare*), conforme assinala a A. do estudo no quarto capítulo (“Los verbos latinos en *-izare* (*-issare*, *-idiare*) no Alto Imperio (s. I - s. II d.C.)”, pp. 95-108). Dos 15 verbos documentados, 10 são empréstimos gregos e 5 são criados dentro do latim (1 a partir de base grega, 4 a partir de bases latinas). A análise destes verbos revela que o sufixo *-izare* surge nos empréstimos gregos encontrados nos textos de Plínio e Suetónio, ao passo que os empréstimos documentados em Petrónio usam as variantes *-idiare* e *-issare*. Não obstante continuar a existir alternância entre as variantes usadas neste período, ao que parece, os papéis de cada variante vão-se distinguindo cada vez mais. Assim, a variante culta *-izare* surge em todos os novos empréstimos transcritos do grego num ambiente literário a partir desta altura. Por sua vez, a variante *-idiare* fica circunscrita à língua vulgar e reflete uma pronúncia diferente do <ç> entre os escravos gregos de classe inferior. No atinente à variante arcaica *-issare*, usa-se, cada vez mais, com um valor frequentativo ou iterativo, associada a bases verbais (p. 108).

No latim do Baixo Império, foram encontrados 34 verbos em *-izare* (*-idiare*) nos primeiros textos em latim escritos por autores cristãos. Como refere a A. no Capítulo 5 (“Los verbos latinos en *-izare* (*-issare*, *-idiare*) del latín del Bajo Imperio (s. II y III d.C.)”, pp. 109-148), “muchos de los verbos presentes en la literatura cristiana se establecieron rápidamente en el latín cotidiano de la comunidad de fideles”, e o facto de o sufixo ter estado presente na língua desde a época arcaica e em uso (*-idiare*) na língua dos bilingues da classe baixa promoveu a sua difusão e propiciou a sua assimilação no latim vulgar do período em estudo. De resto, a maioria dos verbos encontrados nos textos do Baixo Império são empréstimos gregos “que denotan ritos o actividades fundamentales dentro del cristianismo (...) o que adoptan nuevos significados específicos dentro del latín”. Verifica-se um aumento do número de verbos criados no âmbito da língua latina, que demonstram a assimilação do sufixo, conquanto a maioria tenha sido criada por analogia com outros verbos gregos. Por fim, assinala a investigadora, 5 dos 25 empréstimos gregos estudados são modificados por um prefixo latino (ou grego), o que indica a remodelação do verbo na sua adoção pelo latim (pp. 147-148).

No início do Capítulo 6, dedicado ao estudo de “Los verbos latinos en *-izare (-idiare)* del latín tardío (s. IV - VI d.C.)”, pp. 149-190, Olivia Cokburn adverte o leitor para a divisão dos verbos documentados neste último período do latim em dois grupos, de acordo com o género literário em que se encontram inseridos. Ao primeiro grupo pertencem os verbos surgidos na literatura cristã, ao passo que os que aparecem nos tratados técnicos pertencem ao segundo grupo. No que concerne aos primeiros, afirma a A. que a maioria dos 20 verbos novos encontrados nos textos de autores cristãos são empréstimos diretos do grego. Contudo, não obstante este predomínio, verifica-se novamente um aumento do número de verbos criados dentro da língua latina (3 a partir de bases gregas, 4 a partir de bases latinas). Tal como havia já acontecido no período do Baixo Império, o latim cristão do período tardio apresenta vários verbos emprestados do grego que aparecem no latim modificados por um prefixo. No que toca aos 25 verbos que integram o segundo grupo (tratados técnicos), 16 são empréstimos gregos, 2 são criações latinas a partir de bases gregas e 7 são criações latinas sobre bases latinas. Observa a A. que o uso do sufixo *-izare (-idiare)* está agora mais consolidado, empregando-se, cada vez mais, em novos verbos formados a partir de bases latinas, na maioria das vezes, por analogia com verbos gregos (p. 189).

No penúltimo capítulo do livro, são apresentados os resultados alcançados e as conclusões finais (pp. 191-212) A A. começa por tecer algumas considerações sobre as variantes gráficas do sufixo (*-issare, -idiare e -izare*) e o seu uso nos diferentes períodos do latim (7.1, pp. 191-193), bem como sobre as bases de derivação dos verbos latinos que apresentam o sufixo (7.2, pp. 193-196). No que respeita à respetiva evolução semântica no latim do século III a.C. ao século VI d.C. (minuciosamente descrita no subcapítulo 7.3, pp. 196-204), são várias as conclusões alcançadas. O sufixo aparece num grande número de verbos com valores semânticos diversos, tanto em latim como em grego. Conquanto tenha, na sua origem, uma função aspetual não-resultativa ou progressiva, surgem, na época tardia, com uma frequência cada vez maior, verbos novos resultativos. Nos verbos estudados ao longo dos capítulos anteriores, o sufixo surge com um valor aspetual não-resultativo, geralmente, nos verbos identificados como empréstimos do grego, em que o sufixo desempenha a função assumida nesta língua como forma frequentativa de um *uerbum simplex*. Este valor man-

tém-se, sobretudo, nas variantes *-issare* e *-idiare*. A função do sufixo é verbalizar o conceito da base, isto é, ativar a raiz verbal. Assim, como afirma a A., “el significado del verbo depende del nombre o adjetivo a partir del cual se forma.” Em latim, o morfema é particularmente produtivo na formação de verbos imitativos e instrumentais, um pouco menos, de verbos factitivos ou frequentativos. Ademais, sofre a concorrência de outros, dependendo do tipo de texto e da variante em questão, nos distintos períodos do latim. Nos tratados técnicos, por exemplo, a variante *-idiare* sofre a concorrência dos sufixos frequentativos *-icare*, *-igare* e *-scere* (pp. 204-205).

A finalizar o capítulo, na sequência de um resumo geral do trabalho de investigação desenvolvido (7.5, pp. 206-207), sobressai o “Inventario de los verbos en *-izare* (*-issare*, *-idiare*)” (7.6, pp. 208-212), em formato de tabela, que contempla, entre outras informações úteis, a correspondência dos verbos elencados com os diferentes períodos estudados (1, 2, 3 e 4) e faculta a indicação dos grupos de derivação (1. Empréstimo; 2. Hiper-helenismo; 3. Criação latina).

O último capítulo desta impressionante publicação consiste numa “Lista de sinónimos y verbos de la misma familia léxica” (Capítulo 8, pp. 213-216), que incorpora não apenas os verbos em *-izare* (*-issare*, *-idiare*) analisados ao longo do presente estudo, mas também os seus sinónimos e verbos da mesma família usados nos textos estudados. Muito embora reconheça as limitações da lista, a A. espera que este instrumento possa vir a estimular o desenvolvimento de novas investigações: “La lista no es exhaustiva, pero podría ser el punto de partida para un estudio de la familia léxica de cada verbo” (p. 213).

Por fim, salientamos a inclusão de uma extensa Bibliografia final (217-236), que a A. teve o cuidado de atualizar com os principais estudos publicados após 2012 sobre o tema em análise.

Podemos concluir que a publicação em apreço se impõe pela profundidade, rigor e seriedade do trabalho de investigação empreendido por Olivia C. Cockburn. Secundando as palavras prologais do seu mestre Benjamín García-Hernández, estamos certos de que se afirmará como referência importante e inspiradora de outros trabalhos no domínio da linguística latina.